

UMA CAMPANHA INJUSTA

Cel. da Reserva *FELÍCIO LIMA*

A reorganização do Exército brasileiro, de 1908, obra meritória do ínclito Marechal Hermes da Fonseca, que comentámos em outro artigo, repercutiu de modo caviloso nas altas esferas sociais da República Argentina e, ainda agora, uma revista andalusa pretendeu reviver um caso que fôra liquidado com honra para o Brasil.

E' que àquela época o irrefletido Estanislau Zebalos, pela "La Prensa", importante periódico de Buenos Aires, sempre insaciável pelo ódio velho que não cansa ao nosso imortal Barão do Rio Branco, iniciara uma campanha gratuita contra o Brasil, afirmando malèvolamente que a reorganização das nossas forças armadas tinha por objetivo provocar um conflito com a sua pátria!

Daí a propaganda contrária a uma suposta guerr, que só poderia ser concretisada no cérebro de Zebalos e de seus corifeus no grande órgão portenho.

Ignoravam êles que as leis brasileiras, votadas pelo Congresso Nacional, eram de necessidade inadiável e visavam garantir a cordial hegemonia marítima de nosso imenso país, com uma costa oceânica de cerca de 1.200 léguas; um solo rico de minerais de quase toda espécie e cobiçados pela raridade e pela mais notável beleza; com florestas virgens que têm sido descritas por competentes naturalistas como sendo um pedaço do paraíso, onde existe tudo quanto a vida encerra de delicado e bravo; com os seus rios caudalosos que se assemelham aos mares europeus e cujas cachoeiras, bramindo nos rochedos, abalam o ar como roncões de trovões!

Nenhum estadista desconhece que a fatalidade de acontecimentos imprevistos impunha ao Brasil, com sacrifício financeiro embora, a remodelação de seu poder armado à altura de cumprir a sua nobre missão.

Isto porque, naquela fase nacional, em que sobressaíam a honradez e o gênio diplomático do diretor da nossa política externa, a inexperiência poderia ser o produto ingênito do verdor dos anos, mas a imprevidência seria então o resultado inevitável do atraso intelectual do homem, da sociedade e dos povos.

Conquanto a Conferência de Haya tivesse uma finalidade humanitária, as grandes potências do Norte da Europa, representadas por seus diplomatas petulantes, pretenderam agitar, após depreciar o gênio extraordinário do Direito, ali simbolizado no embaixador de nossa Pátria.

Em monumental discurso, Ruy Barbosa, à luz de autênticos documentos, lidos perante seus pares, demonstrou, não só quanto fôra nobre e digna a nossa chancelaria dirigida pelo segundo Paranhos, como também quanto êle — o grande Ruy — batera-se em Haya para que a República Argentina não ficasse abaixo das potências inferiores!

Por outro lado, é do domínio público o célebre discurso proferido no Senado Federal, em que a "Águia de Haya", contestando sofismas e tergiversões lançados contra o Brasil, provou exuberantemente que, ao envéz da afirmativa do ex-ministro do presidente Alcorta, fôra a representação do Brasil a defensora, naquela memorável Conferência, do direito menos-presado da Argentina.

Porém, a tempestade de embustes levantada pela "La Prensa", que apoiava incondicionalmente Zebalos, não pode, todavia, abalar e muito menos interromper o desenvolvimento da reorganização das nossas forças armadas, prosseguindo sempre, com passo lento e pacífico mas seguro.

E nos ministros da Guerra e das Relações Exteriores daquela quadra luminosa, dadas suas idéias pacifistas, tínhamos

a garantia da paz, sem perturbação do direito que assistia ao Brasil de se proclamar a primeira potência intelectual, moral e política da América Meridional.

Sim, porque o nobre empreendimento do Marechal Hermes, apoiado de um modo decisivo pelo benémerito Rio Branco, — grandes vultos soberanamente imbuidos de amor à Pátria e de sentimentos de justiça — constituem, à luz da História, a maior força consolidadora do Brasil e a mais plena demonstração da vitalidade de seu povo.

Não se poderia criar, portanto, vislumbre de censura ao cidadão eminente que, com ciência e talento extraordinários, havia resolvido, com honra para a soberania brasileira, todas as questões, algumas seculares, existentes entre o Brasil e a República Argentina, a Bolívia, a Inglaterra e a França.

E' oportuno acrescentar que, desde o Império até os nossos dias, a direção dos negócios internacionais sempre obedeceu aos ditames dos princípios de direito e pactos jurídicos que dignificam as nações cultas.

Não devemos olvidar a nossa História, a despeito do intrometimento de afirmativas de determinada seita filosófica, porque só assim far-se-á inteira justiça ao criador dêsse Acre prodigioso — o novo e incomparável território da Federação.

Assim, Rio Branco reduziu a nada todas as invetivas de Zebalos, num estilo modesto e elegante, próprio de um belo talento, realçando ainda mais o engenho e a justeza dos conceitos, a verdade histórica e, finalmente, os fatos desenrolados no cenário da política internacional.

O grande chanceler brasileiro sempre observou com interesse e carinho tudo que se relacionava com o aperfeiçoamento da nossa defesa nacional. E assim procedendo revelou-se um patriota notável, dado os relevantes serviços decorrentes que prestou, no sentido de armar o Brasil com a eficiência peculiar de suas congêneres do Continente Sul Americano e tal gesto encerra a maior glória que um estadista pode ufanar-se de haver obtido.

Um verdadeiro homem público não se amesquinha de haver sido derrotado, salvo se perde a serenidade, porque a adversidade é o crisol dos fortes, é a pedra de toque dos heróis.

A Nação brasileira tem a sublime tradição de haver sido sempre pacifista e se em certa época deixou os instrumentos de trabalho para empunhar a imaculada espada, foi apenas com o objetivo de socorrer vizinhos irmãos martirizados e, com admirável desinterêsse, libertá-los de uma opressão inqualificável...

Cerâmica São Caetano S/A

ESCRITÓRIO CENTRAL

Viaduto Boa Vista, 68 — 6.º andar

{ Secção de Refratários — 3.4952
 { Secção Interior — 2.4229
 Fones : { Gerência e Compras — 2.7636

Caixa Postal 278 — Telegramas "ACIMAREC" — São Paulo — BRASIL

Fábrica em São Caetano (S.P.R.) — Rua Casemiro de Abreu, 4 —

Fone 1124 — Linha 140

TELHAS "BRILHANTES"

LADRILHOS — Vermelhos — Amarelos — Marrons e Pretos

TIJOLOS PRENSADOS para degraus — pingadeiras — pisos — colunas e outros

MATERIAIS REFRACTÁRIOS

de alta classe, para todos os fins industriais

Fornecedora das principais indústrias do País —

Fábrica peças especiais de qualquer formato

Os materiais refratários

"São Caetano"



se caracterizam pela sua qualidade e esmerada fabricação

ALGO SÔBRE ARTILHARIA DE COSTA

Major NEWTON FRANKLIN DO NASCIMENTO

Para definir a Artilharia de Costa, prescrutar-lhe o âmago, senti-la, compreendê-la, saber de suas possibilidades e servidões, não será fóra de propósito que se recordem algumas noções elementares, as quais, por sua extrema simplicidade, nos passam por vezes despercebidas.

Não temos o intuito, pois, de reivindicá-la nem tecer-lhe lóas ou hinos laudatórios. Por si mesma, ela já se impôs no conceito de todos, através de um labor profícuo e silencioso. Do norte ao sul do País, todas as unidades costeiras se irmanam aos mesmos anseios e anelos que entrelaçam as forças armadas, fundindo-as imperecivelmente.

Que é a Artilharia de Costa? E' uma modalidade da arma, equipada com aparelhagem de direção de tiro própria para bater objetivos navais móveis. A não ser em casos mui excepcionais, a Artilharia de Costa não age nunca isolada, mas sempre como elemento primordial, colocado em terra, para cooperar com todas as forças armadas — terrestres, aéreas e navais — na defesa do território porventura ameaçado de ataques vindos do mar. Daí a necessidade de serem bastante íntimas suas relações com essas outras forças, de vez que são empregadas em missões comuns e, sobretudo, por constituírem as duas últimas (Marinha e Aeronáutica), os elementos mais importantes para obtenção de informes sôbre os movimentos dos navios e aeronaves do inimigo.

Os meios atuais de que dispõe a Artilharia de Costa para

cumprir suas tarefas, são múltiplos e variados. Hoje em dia seu armamento classifica-se, segundo o calibre, em *primário* e *secundário* e, segundo o tipo, em *fixo* e *móvel*. O material móvel, conforme o meio de transporte utilizado, póde ser *sobre ferrovia*, *auto-transportado* ou *tracionado*. O armamento primário abrange os calibres de 280 mm. para cima. O secundário compreende todos os materiais abaixo dêsse calibre e comporta, por sua vez, duas sub-divisões :

— *secundário intermediário*, constituido dos calibres de 105 mm. (exclusive), a 240 mm. (inclusive), sendo o de 203 mm. um dos materiais mais indicados, atualmente, dentro dessa sub-divisão;

— *o secundário de tiro rápido* compreende os calibres de 105, ou menores.

Além do material acima citado, fazem ainda parte da Artilharia de Costa os seguintes meios suplementares: *projetores*, *minas controladas*, *localizadores pelo som* e demais elementos que se tornarem indispensáveis ao cumprimento de suas missões.

A missão geral da Artilharia de Costa consiste em cooperar na defesa do litoral contra o ataque de forças navais, não importante que o ponto atacado seja um porto, uma praia, um grande centro populoso ou industrial, uma base aérea ou naval, enfim, qualquer parte do território, ou mesmo de uma ilha, se for êsse o caso.

No caso particular da defesa de um porto, a Artilharia de Costa tem a missão de protegê-lo, bem como as forças navais no seu interior ou vizinhança, contra ataques navais, desembarques, ou ataques terrestres, dentro do alcance e possibilidades de seus canhões.

Os canhões de 280 mm e maiores, destinam-se ao ataque dos navios capitais, ou melhor, fortemente couraçados. Os materiais abaixo dêsse calibre são empregados contra cruzadores e navios ligeiramente couraçados, podendo, também, danificar certas partes vulneráveis dos navios capitais, como sejam sua superestrutura e órgãos de direção de fogo. O secundário inter-

mediário destina-se ao ataque a cruzadores e o secundário de tiro rápido emprega-se contra navios sem couraçamento.

Cumprе assinalar que as minas de contato são classificadas como armamento primário, à vista de seu grande poder de destruição.

Como tudo o que existe sôbre a terra, a Artilharia de Costa possui não só grandes possibilidades, mas também certos pontos vulneráveis, que convém sejam recordados, uns e outros, para não se exigir dela um emprêgo superior às suas forças: assim é que possui a faculdade de concentrar seus fogos com grande rapidez; pôde manejá-los, também, sem perda de tempo, de um objetivo para outro; procura-se, cada vez mais, aumentar-lhe o alcance e a potência de seus canhões, mas, por outro lado, é mui vulnerável aos ataques aéreos, quando não for bem protegida; o armamento fixo tem seu campo de ação limitado e a mobilidade do material móvel é bastante relativa, condicionando-se, por sua vez, a inúmeras servidões. No entretanto, êsse material pôde ser empregado para fazer o tiro contra objetivos terrestres e para agir em outros teatros de operações que não sejam litorâneos, desde que se saiba aproveitar de sua mobilidade.

Da mesma fórmula como as metralhadoras que, por sua estabilidade, constituem a ossatura de um plano de fogos de infantaria, a elas se subordinando as demais armas automáticas, assim também o material de artilharia de costa fixo constitui o elemento a ser primeiramente considerado, na organização da defesa de qualquer ponto do litoral. Antes de determinar o emprêgo do material móvel, estuda-se, em primeiro lugar, a zona de ação do material fixo, quais suas partes batidas, não batidas, ou fracamente batidas, quais os objetivos a serem atacados, dentro do alcance de seus canhões, para depois completar seus fogos com os do material móvel, cujas posições são escolhidas visando especialmente essa complementação. Só quando se dispuser de muita artilharia, é que se podem superpor seus fogos.

Sendo a organização do plano de fogos um problema tá-

tico e técnico, é preciso para organizar êsse plano, que se conheçam, pelo menos, as características do material a empregar. Não vamos lembrar aqui as características de todos os materiais utilizados na defesa de costa, para não alongar em demasia estas ligeiras notas, já por sua natureza, bem assim pelo estilo de seu autor, bastante insípidas. Como todos sabem, qualquer canhão é caracterizado por seu alcance, calibre, rapidez e campo de tiro, potência e capacidade de funcionamento do projétil, velocidade inicial, etc., cujos dados os fabricantes do material têm o cuidado de juntar às tabelas de tiro, que acompanham todo e qualquer canhão, fazendo parte intrínseca dêle.

Do ponto de vista tático, o problema se encaminha sempre pelo estudo de quatro elementos fundamentais, jamais desprezados em nenhum problema dessa natureza, como sejam : missão, terreno, inimigo, meios.

Não nos alongaremos nisso. Alguns pontos, porém, devem ser lembrados.

A missão, para ficar bem definida, deve determinar claramente os limites da zona a bater, natureza dos objetivos, esclarecendo-se de antemão se a unidade destina-se à defesa de porto, praia, base, ou do que for, pois em cada caso, há disposições especiais a tomar.

Devido à modalidade da arma, o terreno é estudado do ponto de vista hidrográfico e topográfico. Nesse estudo, são fixadas, igualmente, as questões de proteção, desenfiamento, disfarce, além de outros, que o conhecimento da zona de ação indicar.

O inimigo, que a artilharia de costa é essencialmente apta a mater com seus fogos, é o navio de superfície. Assim, antes de estabelecer o plano de fogos para a defesa do litoral, é indispensável conhecer primeiro o tipo, classe, etc. das belonaves do provável inimigo. Algumas vezes achamos fastidiosos, ou mesmo supérfluo, perder tempo no estudo das marinhas estrangeiras, sobretudo a de nossos prováveis inimigos. Mas nos esquecemos que, sem êsses conhecimentos, quiçá bem aprofundados, não chegaremos nunca a uma conclusão lógica sobre o

emprego da artilharia. Outras vezes, nos detemos em estudos mais apazíveis ao nosso espírito e à aplicação de nossas atividades, esquecendo-nos que o inimigo tanto póde vir por terra, como pelo ar e pelo mar. A guerra moderna faz-se nessas três dimensões e, por isso mesmo, torna-se cada vez mais demorada e complexa.

Definida a missão, conhecido o terreno em que vai atuar e sabendo qual a espécie do inimigo que tem de enfrentar, o artilheiro de costa passa ao estudo dos meios, para fazer face às contingências da luta. Por vezes, achamos monótono o estudo dos meios e conduzimos nosso espírito para locubrações ou realizações mais brilhantes, como, por exemplo, as que se referem à parte técnica, ou mesmo tática, da arma. Mas é preciso não esquecer que sem os meios, sem estarmos bem aparelhados em pessoal e material, não conseguimos sair do terreno das hipóteses. E não basta sómente o material, pois, sem o homem, não podemos manejá-lo. Daí o estudo dos meios constituir preocupação máxima de quem está incumbido da organização de um plano de fogos para barrar a entrada de qualquer parte do litoral. O problema se conduz sempre pela clássica pergunta: *com os meios que tenho, que posso fazer?* Mas nunca pela negativa, isto é, não posso fazer isso ou aquilo, por não ter todos os meios necessários. Isto é a negação de tudo, pois, apenas com um canhão e munições suficientes, muita coisa se consegue realizar.

Para facilitar a ação do comando, a artilharia de costa como as suas outras irmãs, a de campanha e anti-aérea, reúne seus meios em comandos táticos chamados *grupamentos*, com ação sobre dois ou mais grupos (ou Baterias Independentes), sob a condição de cobrirem a mesma área marítima, ou áreas adjacentes. São designados, normalmente, pelos nomes das localidades a que se destinam, como, por exemplo, *Grupamento de Santos, de Vitória, etc.*

Um Grupamento dispõe, em geral, dos seguintes meios: armamento fixo e móvel, unidades de minas controladas e de projetores, além de outras que se fizerem mistér. Em princípio,

deve, ainda, dispor de armamento primário, para ataque a navios capitais e secundário, para ataque a contra-torpedeiros, submarinos, roceadores de minas e pequenas embarcações para desembarque.

Quando o número de Grupos é muito grande, mais de 4 ou 5, a artilharia de costa que constitue um grupamento é subdividida em *Sub-Grupamentos*, o mesmo que acontece na campanha ou anti-aérea.

O Comandante do Grupamento subordina-se a um comando superior, que póde ser o do setor, sub-setor ou do porto, tal seja sua missão precípua cooperar na defesa de cada um destes escalões adrede constituídos.

Embora só a Artilharia de Costa seja especializada na defesa de objetivos móveis navais, não quer isso dizer que, em casos de extrema gravidade, afim de completar o sistema de defesa litorâneo, não sejam também chamadas, para cooperar com ela, unidades de campanha ou de anti-aérea. Assim sendo, torna-se necessário que todos os artilheiros se familiarizem com certos problemas da costa, cujo sistema de direção de tiro, embora não lhes seja comum, apresenta, no entanto, imensa simplicidade, quando apreciado em seu pleno funcionamento. Tudo se passa com tanta naturalidade, tanta harmonia e tanta precisão, que convence até aos mais incrédulos.

A descrição da aparelhagem de direção de tiro, através de um trabalho de divulgação e nos moldes do que ora delineamos, é humanamente impossível. Uma visita, porém, a quaisquer unidades de artilharia de costa, sempre acolhedoras e amigas, teria a vantagem de objetivar tudo aquilo que num singelo artigo somos incapazes de esboçar.

Compreendendo o funcionamento dessa aparelhagem e os órgãos encarregados de fornecer-lhes elementos, somos levados, naturalmente, a render nosso preito de admiração e respeito à genialidade dos homens que criaram tais aparelhos e tais órgãos de sincronismo tão perfeito e exato, convencendo-nos, outrossim, da precisão e simplicidade a que aludimos acima.

Rio de Janeiro, D. F., 20-III-44.